

# Trabalho de Campo e produção de videodocumentário: pensar e fazer em Geografia – um estudo de caso na Educação Básica em Campos dos Goytacazes/RJ

Déborah de Souza Martins<sup>1\*</sup>  
Thereza Christina B.S. Cruz<sup>2\*\*</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma experiência em trabalho de campo em escola de nível fundamental e médio do município de Campos dos Goytacazes/ RJ, o Colégio Estadual Nilo Peçanha (CENP), que incorpora as novas tecnologias em seu relatório final através da confecção de um videodocumentário. Aborda a necessidade de sistematizar nas instituições escolares o conhecimento empírico e teórico, num diálogo necessário entre os saberes disciplinares que muito contribuem para a compreensão da intrincada relação homem-natureza, à luz das recentes teorias que defendem a sustentabilidade, requerendo por parte de seus partícipes um constante aprimoramento pedagógico e tecnológico. O roteiro para a confecção do vídeo foi idealizado por alunos e professores da unidade escolar, contendo as observações e considerações pertinentes, selecionando-se fotos e vídeos dos locais visitados. A base deste trabalho parte da premissa da realização de uma pesquisa investigativa e crítica das formas de apropriação dos espaços naturais pela sociedade a partir da escala local, espaço de vivência dos alunos da região Norte Fluminense.

**Palavras-chave:** Trabalho de campo. Pesquisa. Videodocumentário. Ensino de Geografia.

## Introdução

No presente artigo pretende-se – a partir de um trabalho realizado no Colégio Estadual Nilo Peçanha (CENP), estabelecimento de ensino de níveis fundamental e médio localizado no município de Campos dos Goytacazes/RJ – avaliar a pertinência e mesmo a necessidade de por meio da introdução de instrumentos das novas mídias, incrementar o estudo da Geografia, com vistas a uma aprendizagem significativa, no campo da crítica social e da produção de ideias.

A experiência realizada por professores e alunos do CENP consistiu no registro em vídeo e fotografias de aulas de campo, material posteriormente editado e transformado em documentário do trabalho realizado. Para tanto foram utilizadas câmeras fotográficas e filmadoras, inclusive aquelas presentes em aparelhos celulares dos próprios alunos, além dos recursos e programas necessários à edição e produção do videodocumentário.

1\* Professora da Rede Estadual de Educação em Campos dos Goytacazes. Graduada na Licenciatura em Geografia e pós-graduanda Lato Sensu em ensino de Geografia pelo IFF *Campus* Campos-Centro.

2\*\* Professora das Redes Estadual e Municipal de Educação, em Campos dos Goytacazes. Graduada em Licenciatura em Geografia e pós-graduanda Lato Sensu em ensino de Geografia pelo IFF *Campus* Campos-Centro

A inovação identificada nesse trabalho dá-se pela conjugação de um instrumento tradicional da Geografia, o trabalho de campo, com uma criação que provoca a reflexão sobre o espaço geográfico estudado, interagindo com os conceitos ambientais e espaciais previamente discutidos. As ideias advindas dessas reflexões são expressas numa linguagem apropriada ao produto audiovisual que se cria e o documentário passa a ser, além de registro e resultado de um processo de ensino-aprendizagem, uma fonte de pesquisa para outros trabalhos.

A apropriação dos recursos tecnológicos relativamente acessíveis com o uso criativo dos programas, que é uma atividade prazerosa para boa parte dos adolescentes e a busca por uma aprendizagem significativa e interdisciplinar são os ingredientes responsáveis pela idealização e concretização de tal proposta.

O trabalho de campo, nos níveis médio e fundamental, ainda é pouco utilizado como parte integrante do processo ensino aprendizagem nas redes públicas estaduais e municipais, apesar de sua plena recomendação nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), reforçados pela Reorientação Curricular que destaca sua importância na aquisição das competências e habilidades pretendidas com o ensino da geografia. Assim:

Para a escola da rede pública estadual de ensino, cabe fazer referência à importância e necessidade do trabalho fora da sala de aula. Procedimento de pesquisa tradicional para a Geografia, o trabalho de campo desenvolvido na escola é um recurso que contempla tanto a expectativa de transmissão de conhecimento além da sala de aula, “a céu aberto”, quanto à produção de conhecimento, estimulando-se com isto a formação de atitudes críticas e investigativas. (REORIENTAÇÃO CURRICULAR, 2006, p.77).

Além disso, na Geografia em particular, pode proporcionar um movimento dialético no estudo das categorias paisagem-território-espaço geográfico, através da inter-relação das imagens e ideias elaboradas acerca dos problemas propostos, promovendo o despertar do espírito investigativo dos estudantes e a necessária articulação entre ensino e pesquisa.

Moreira (2008, p.16), afirma que “analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisá-lo em termos de território, a fim de compreender-se o mundo como espaço”. Tal atitude se vê apoiada nos princípios lógicos da localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala. Essa proposta de estudo em Geografia vem ao encontro dos objetivos almejados pelo trabalho aqui analisado e consiste numa importante contribuição à educação escolar em si mesma.

## Importância do trabalho de campo

Inicialmente deve-se considerar o aspecto das bases teóricas e metodológicas que fundamentam o trabalho de campo e que remetem à questão epistemológica do sujeito/objeto de pesquisa. A reflexão acerca de qual “visão de mundo” fundamenta as indagações e os objetivos dos que vão ao campo contribui para a compreensão da necessidade e da importância dessa prática.

Segundo Suertegaray (2002), a relação sujeito-objeto na pesquisa, expressa diferentes leituras de mundo, em diferentes momentos históricos, que por sua vez, irão fundamentar diferentes métodos de pesquisa. Por conseguinte, diferentes Geografias são expressas conforme se considera o campo (objeto da pesquisa) como externo ao pesquisador (sujeito da pesquisa), como extensão do pesquisador ou como uma fusão sujeito-objeto. Em outras palavras, a produção do conhecimento geográfico, fundamentada nos métodos científicos positivista, neopositivista, dialético, fenomenológico ou hermenêutico, resultará em diferentes Geografias, diferentes representações de mundo.

Torna-se necessária, portanto, ao pesquisador, a reflexão sobre essas bases teóricas, para que seu trabalho de campo tenha coerência com as suas indagações e possa ser um instrumento de produção de conhecimento e, nesse caso, da produção do conhecimento geográfico. Também é necessário refletir sobre o trabalho de campo como recurso didático para o ensino da Geografia na educação básica para determinar sua importância e validade.

O trabalho pedagógico nas escolas dos níveis fundamental e médio é desafiado rotineiramente pela indiferença dos alunos, que conjugada com a prostração e desgaste dos professores e suas infundáveis (e justas) reclamações, justifica a busca por reformulações didáticas urgentes. É preciso repensar a prática educativa. Mais que valorizar atividades que permitam o uso da imaginação e da fantasia e que possam realizar a aproximação da geografia do cotidiano dos alunos é também “redescobrir” o desejo de pesquisa de muitos educadores. “Reconhecer-se, situar-se, problematizar-se é o movimento que cada professor/cientista deve realizar como construtor do conhecimento”. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 40).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) apontam para a necessidade de preparar o aluno, no ensino da geografia, para localizar, compreender e problematizar a realidade, reconhecendo as dinâmicas existentes no espaço geográfico e adquirindo subsídios para atuar criticamente em sua realidade.

A concepção do espaço geográfico como uno e múltiplo busca, na geografia cultural, a simbiose natureza/sociedade, resgata o sentimento de pertencimento aos lugares para aquisição de uma “consciência territorial”, valorizando o espaço objetivo e tenta entender as subjetividades que aí se refletem. A partir daí, o necessário desenvolvimento do processo de autoestima realiza um movimento em direção ao conceito de sustentabilidade, valendo-se do potencial econômico e social singular que importa realçar, dando ênfase e importância ao patrimônio natural e cultural dos lugares.

Além de refletir o espaço, tarefa não muito fácil diante de tanto dinamismo processual, ela (a geografia) deve reunir instrumentos de análise de práticas sociais, que, no embate do exercício de cidadania, levantem questões como formas de ordenação e ocupação territorial, direito à saúde e à educação, acesso à moradia e à terra, preservação e conservação da biodiversidade e da qualidade ambiental, necessidade da sustentabilidade cultural e natural. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 43).

A proposta de trabalho e pesquisa a ser desenvolvida através do ensino da geografia é alimentada por ideais humanistas, imbuída pela necessidade da construção de um mundo mais equilibrado que, dialeticamente, forja nas mentes dos homens e mulheres, habitantes do planeta, a compreensão de que no seu viver, modificam o espaço que habitam e por ele também são continuamente modificados.

Essas concepções e esse entendimento do papel da Geografia na educação básica levam a concluir que o trabalho de campo, neste caso compreendido como visitas e expedições aos mais diversos ambientes, exerce importante papel no desenvolvimento da autoestima dos alunos e professores, que alimenta o sentimento de pertencimento e de valorização dos lugares, do pensamento crítico e do entendimento de que a transformação social é viabilizada pela participação coletiva.

Cabe ressaltar que o interesse dos professores responsáveis pela implementação de tais trabalhos tem origem nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato Sensu no Ensino da Geografia do IFF Campus Campos Centro, frequentados pelas autoras deste artigo e que, tratando-se de uma prática comum na universidade, entendem ser necessário viabilizar seu amplo acesso às escolas de nível básico, enriquecendo o estudo de conceitos fundamentais da geografia, num diálogo constante entre teoria e prática, nas diferentes escalas de análise, não só para o desenvolvimento de habilidades específicas da geografia, como também para o desenvolvimento integral dos alunos.

## Papel do Videodocumentário: geografia, tecnologia e arte

Apenas a tecnologia não é capaz de operar mudanças significativas na educação, se for compreendida como fim em si mesma. “Os avanços tecnológicos, científicos e eletrônicos não estão trazendo a vida em plenitude para o homem. Ao contrário, vieram desafiá-lo e angustiá-lo, levando-o ao estresse...” (BEHRNS, 2001, p.81). Porém se torna ferramenta que indiscutivelmente não se pode relegar ao plano da indiferença, pois se encontra difundida por grande parte dos lugares do planeta e é fonte constante de novas possibilidades, que, a custos relativamente favoráveis, permite que um maior número de pessoas tenha acesso a elas e pode ser utilizada nos trabalhos escolares e apresentar os resultados das pesquisas realizadas num formato adequado à era digital.

As famílias de técnicas emergentes com o fim do século XX - combinando informática e eletrônica, sobretudo – oferecem a possibilidade de superação do imperativo da tecnologia hegemônica e paralelamente admitem a proliferação de novos arranjos, com a retomada da criatividade. (SANTOS, 2000, p.165).

Tendo em mãos as fotos e imagens dos lugares visitados, é o momento de organizar o roteiro que deverá guiar a formatação do vídeo, no programa escolhido e disponível no computador. Reconhecer e reinventar o uso dessa ferramenta, nos espaços escolares, é também compreender o novo papel da escola: mais que trabalhar para obter resultados, dentro da lógica da competitividade, é incentivar sua utilização, orientando os alunos a desenvolver a habilidade de buscarem criticamente as informações disponíveis nos vários meios de comunicação, aqui caracterizados pela Internet e afins, de modo que seja possível alcançar os objetivos propostos no processo educativo, de maneira eficiente, sensível e humanizada.

As novas técnicas de comunicação, tão curiosamente manipuladas pela maioria dos jovens que estão nas escolas, podem e devem ser utilizadas como mais uma importante estratégia de ensino. Os alunos são completamente seduzidos por elas. Os aparelhos celulares e similares ocupam parte importante de seu tempo. Frequentemente esses jovens se “ausentam” do presente e vivenciam outro “espaço”, diferente daquele da sala de aula.

As crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos. (...) Se a escola ministra um ensino que aparentemente não é mais útil para uso externo, corre um risco de desqualificação. Então, como vocês querem que as crianças tenham confiança nela?”(PERRENOUD, 2000).

A busca por solucionar tais problemas exige que os professores entendam que as novas tecnologias ocupam um lugar importante na sociedade atual e “interferem na organização do trabalho e das idéias, e justamente por isso é preciso aprender a utilizá-las como ferramenta auxiliar na tomada de decisões para não nos tornarmos usuários acríticos”. (PUERTA, p.124, 125).

As formas midiáticas utilizadas como mais um meio de programar e dinamizar as aulas é a tendência do momento. Modismos à parte, vídeos, músicas, comunicação em rede, podem tornar-se importantes aliados na apreensão do saber geográfico e na produção de pequenos documentários a respeito das observações *in loco*, contando com a ajuda de outros profissionais nas unidades escolares. Além de conter a possibilidade de realização da tão sonhada interdisciplinaridade, contribui também para uma iniciação à pesquisa no ensino básico, uma vez que o trabalho de produção do vídeo requer a elaboração de ideias que respondam às questões suscitadas no campo.

No trabalho aqui proposto e experimentado, alunos e professores puderam interagir e experimentar esse recurso como mais uma ferramenta para o entendimento e o reconhecimento de aspectos da geografia local/regional e, a partir daí, realizar a experiência aqui defendida.

## Análise do Projeto

A importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia e o papel do videodocumentário como desenvolvimento de ideias a partir do registro de campo, na educação básica, constituem-se no fio condutor desta análise.

O projeto desenvolvido no CENP teve como característica o desejo de envolver os alunos no processo de aprendizagem, tornando o prazer da ida ao campo um recurso para a aquisição dos conhecimentos geográficos em pauta na matriz curricular. Assim, conteúdos como a identificação de domínios morfoclimáticos e os elementos que os compõem, além dos efeitos da ação humana sobre o meio ambiente puderam ser estudados de forma concreta através da observação *in loco*, fazendo com que a aprendizagem se tornasse

significativa com a compreensão dos processos de formação dos diferentes biomas e da sua transformação por processos naturais e antrópicos.

A apropriação do espaço pelo homem, que, ao definir seu modo de vida resolveu utilizar modelos externos à sua singularidade, dentro do processo globalizante, tem como resultado imediato o ambiente natural modificado, o que, ou se mostra favorável a sua expectativa de qualidade de vida, ou ao contrário, apresenta-se degradado e impróprio para a conservação da saúde de todos, e assim o modo de viver, tal qual até hoje conhecemos, se transforma tecnicamente de maneira irrevogável.

Essa transformação, vimos chamando de transfiguração. Significa dizer que o homem, por meio de seu desenvolvimento técnico é capaz de, não só intensificar processos naturais, como também produzir novos. Estas práticas como anteriormente nos referimos, transfiguram a natureza, ou seja, transformam-na em outra figura, em outra coisa, que poderá conter a figura de origem, mas não será mais a mesma. (SUERTEGARAY, 2002, p.19).

Tendo em vista a atual situação no mundo, em que os objetivos econômicos se contrapõem aos modelos de sustentabilidade e preservação dos recursos naturais, e particularmente, muito angustiados com a situação dos ecossistemas da Região Norte Fluminense (afinal, este é o espaço de vida dos alunos e professores participantes do projeto), e ainda, objetivando a contextualização das categorias paisagem, lugar, território, espaço e meio ambiente regional, foram escolhidos três lugares que representam a própria diversidade dos ambientes naturais do Brasil: foz do rio Paraíba do Sul, no município de São João da Barra, Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, no município de Quissamã e Parque Estadual do Desengano, no município de Campos dos Goytacazes, que abrigam, respectivamente, os seguintes ecossistemas: manguezal, restinga e mata atlântica.

No pré-campo, destinou-se boa parte das aulas para a discussão dos aspectos fisiogeográficos de cada bioma específico, além das formas de ocupação e urbanização realizadas ao longo do tempo, ampliando o debate para modelos de desenvolvimento que, inseridos no conceito de sustentabilidade, propõem a valorização dos lugares em suas especificidades econômicas, sociais e culturais.

Seguem os registros feitos e utilizados para compor o vídeo posteriormente produzido, intitulado “O Olhar da Geografia sobre o Ecossistema Costeiro do Norte Fluminense”.

#### Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba: Quissamã/RJ



Figura 1: Alunos na praia de João Francisco



Figura 2: Início da caminhada para reconhecimento do Parque

Foz do Rio Paraíba do Sul: Pontal de Atafona, em São João da Barra/RJ

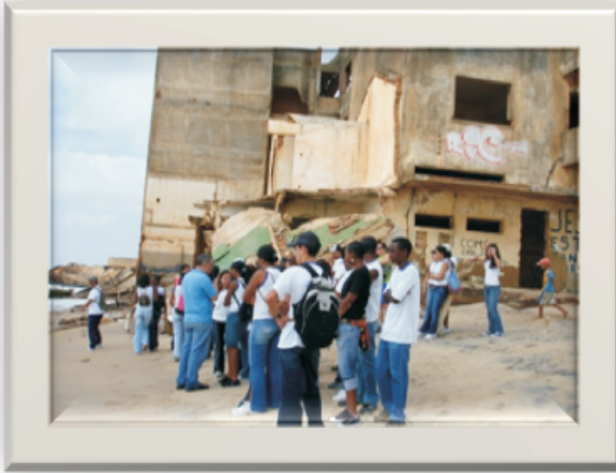


Figura 3: Prédio do Julinho



Figura 4: Alunos observam avanço do mar.

Mata Atlântica: Parque Estadual do Desengano, situado na zona cristalina da região, abrangendo os Municípios de Santa Maria Madalena, São Fidélis e Campos dos Goytacazes.



Figura 5: Alunos penetrando a mata



Figura 6: Mata fechada.



Figura 7: Lagoa de Cima

Entendendo que as grandes transformações ocorridas no mundo são obras de atividades humanas, graças às diversas formas de utilização dos recursos naturais, o videodocumentário **“O Olhar da Geografia sobre o Ecossistema Costeiro do Norte Fluminense”** lança inquietações acerca das visíveis interferências humanas nos espaços naturais da região. É a chance de utilizar o instrumental tecnológico de que se dispõe para relatar as observações feitas de maneira sensível e criativa, já que

...a técnica pode voltar a ser o resultado do encontro do engenho humano com um pedaço determinado da natureza - cada vez mais modificada-permitindo que essa relação seja fundada nas virtualidades do entorno geográfico e social, de modo a assegurar a restauração do homem em sua essência. (SANTOS, 2001, p. 165).

Tal escolha foi pautada pela iniciativa dos professores, que consideraram um bom momento de renovar sua prática, acreditando que o resultado dessa experiência pudesse, além dos motivos já mencionados, agregar de maneira efetiva e afetiva os demais colegas da escola, que na “correria” dos dias não tem tempo para o devido e necessário entrosamento.

Utilizar da técnica para subsidiar o método de trabalho que se pretende implementar é o grande desafio das ciências.

Especialmente para as Ciências que trabalham com diferentes aspectos do mundo real, como a Geografia, a Biologia, a Sociologia, entre tantas outras, as técnicas exercem um importante papel no processo de produção científica, auxiliando estudantes e pesquisadores na obtenção e sistematização de informações que irão subsidiar seus argumentos, atribuindo-lhes consistência e objetividade. Em outras palavras, o uso das técnicas possibilita obter dados sobre a realidade que embasarão os caminhos percorridos pelo método. Se o método, que dispõe de Fundamentação teórica, auxilia o sujeito na organização de seu raciocínio, as técnicas, por sua vez, auxiliam-no na organização das informações que o subsidiarão. Se teoria e método são processos desenvolvidos no plano do pensar, a técnica desenvolve-se no plano do fazer. (VENTURI, 2005, p.13).

A compreensão de que para a manutenção da vida humana na Terra é imprescindível o uso racional e inteligente dos recursos que ela oferece e de que o meio ambiente, compreendido e respeitado, é fator primordial para a saúde e permanência de todos os seus habitantes, carrega em si mesma o embrião de outras formas de utilização das técnicas até hoje criadas e da possibilidade de construção de um mundo diferente.

Agora que estamos descobrindo o sentido de nossa presença no planeta, pode-se dizer que uma história universal verdadeiramente humana está, finalmente, começando. A mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. (SANTOS, 2001, p.174).

O desdobramento do trabalho de campo na elaboração do videodocumentário exige uma análise mais detalhada sob o aspecto dos objetivos pretendidos em relação aos resultados alcançados. No projeto em tela, a proposição de produzir um vídeo tinha como pressuposto a capacitação dos alunos envolvidos para realizar um trabalho de síntese entre os estudos realizados previamente e aqueles realizados no campo, numa linguagem que lhes provocasse a reflexão sobre a necessidade de transformação da realidade e as possibilidades de nela interferir.

Para isso foram estimulados a captar as imagens e sons com os recursos disponíveis (as câmeras e filmadoras dos próprios aparelhos celulares), registrando o campo, o que mais tarde se transformaria em material para a confecção do vídeo. Os passos seguintes, de compilação, edição e criação deveriam ser igualmente vivenciados e realizados pelos alunos junto aos professores. Entretanto, dois fatores principais concorreram para que o trabalho fosse executado de forma diferente da planejada, a saber:

- 1- o tempo previsto não foi suficiente para realizar satisfatoriamente essa etapa do trabalho.
- 2- a escola não dispunha dos recursos materiais e humanos necessários.

Diante das dificuldades surgidas, o vídeo foi produzido com pouca participação dos alunos, o que prejudicou a realização completa dos objetivos traçados. Mesmo assim, a experiência vivenciada constitui-se num aprendizado, à medida que o próprio vídeo pode ser utilizado como recurso didático e principalmente porque a experiência pode ser revivida de outra maneira, considerando as falhas identificadas e propondo caminhos para a consecução dos objetivos. Além disso, deve-se registrar que o trabalho desenvolvido gerou o interesse pela Geografia, fazendo, inclusive, com que alguns alunos tenham optado pela graduação nessa disciplina.

## Considerações Finais

Os autores que abordam a questão do trabalho de campo o fazem preocupados em esclarecer sua importância ou sua validade, insistindo nas bases teóricas e metodológicas que devem orientar a pesquisa. Frequentemente alertam para a necessidade de considerá-la um meio, um instrumento, e não um fim em si mesmo, considerando inclusive a necessidade de refletir sobre o trabalho de campo como recurso didático:

A utilização do trabalho de campo como instrumento didático não tem sido alvo de muitas reflexões. Não deveria ser assim, afinal todo professor de Geografia – principalmente dos ensinos médio e fundamental – já deve ter se irritado quando ouviu de seus alunos ou dos professores de outras disciplinas que no dia tal não haveria aula porque tinha passeio, marcado pelo professor de Geografia... Será que de fato promovemos passeios? (ALENTEJANO & ROCHA LEÃO, 2006, p.62).

Outra abordagem delimitadora de propósitos é a do trabalho de campo como recurso didático e como método de pesquisa para a produção do conhecimento geográfico. Duas vertentes que não se confundem, entretanto podem ser parcial e ambiciosamente almejadas ao propor a realização de trabalhos de campo com alunos da educação básica. De que maneira? Ora, como recurso didático, seus objetivos podem ser plenamente atingidos e seu resultado estimulante em termos de aprendizagem se algumas etapas de



planejamento forem cumpridas. E, normalmente, este é o objetivo nos ensinos fundamental e médio, conforme evidencia Marcos:

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (...). O que pretendo tratar no presente artigo é sobre o trabalho de campo enquanto um instrumento de pesquisa dos mais importantes para a produção do conhecimento geográfico, momento em que o tema de estudo se desvenda diante dos olhos e obriga a estarmos atentos, de modo a que nada fuja à investigação. É preciso olhar com profundidade e observar, sobretudo aquilo que não havíamos considerado antes de sair para campo. (MARCOS, 2006, p. 106).

Ao estabelecer tal diferença, a autora refere-se ao trabalho de campo em nível universitário, da graduação e pós-graduação em Geografia.

Na educação básica, o objetivo não é a produção do conhecimento geográfico. No entanto, o estímulo à pesquisa e à produção de ideias, recomendáveis nesse nível de ensino, pode se conjugar a aprendizagem propiciada pelo trabalho de campo, quando ele se desdobra em uma atividade como a produção de um vídeo. O trabalho de editar imagens, criar trilha sonora e fio condutor da narrativa, leva necessariamente à retomada dos conceitos sobre a temática em pauta e possivelmente à proposição de caminhos para a superação dos conflitos identificados.

Importante aspecto a ser considerado ao propor um trabalho como esse, refere-se aos obstáculos comumente encontrados à sua realização: as dificuldades financeiras sofridas pelas escolas e a falta de entendimento por parte dos administradores quanto à eficácia dessas iniciativas. Trata-se de investimentos com resultados em longo prazo, em atividades que, tornando-se rotineiras, poderão consolidar a formação do aluno e também a melhoria da qualificação docente, fazendo-se necessária a defesa de que verbas para tais atividades deverão estar permanentemente previstas no orçamento escolar, evitando os problemas decorridos da ausência de apoio a iniciativas como essa.

Especialmente no que tange à produção do videodocumentário, as escolas devem estar equipadas e, mais do que isso, devem disponibilizar o equipamento com a devida orientação de técnicos com conhecimentos específicos na área em questão. Além disso, a participação de professores de arte deve ser o diferencial na formatação final do projeto, uma vez que seu conhecimento plástico, musical ou cênico, pode em muito contribuir para o aspecto criativo do trabalho.

Finalmente, deve-se ressaltar que a realização de trabalhos como esse, na atual estrutura de ensino da educação básica do Estado do Rio de Janeiro, e em particular, Campos dos Goytacazes, só se torna possível pela persistência e obstinação de alguns professores, o que leva a refletir sobre a necessária transformação nos sistemas de ensino, inclusive no nível universitário, no qual a dicotomia pesquisa/ensino tem contribuído para a má formação dos professores. Paulo Freire nos esclarece:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador). Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2007, p.29).

A necessidade de articular pesquisa e ensino vem sendo amplamente defendida por muitos autores e a reflexão sobre o exercício da docência na educação básica corrobora essa defesa. Entretanto, para que o professor se assuma como pesquisador é necessário que pesquisa e ensino estejam articulados na formação docente e na escola de nível básico de modo a permitir de fato a pesquisa e promovê-la com recursos, tornando-a componente do trabalho do professor, que conhecerá seus requisitos, as bases teóricas e metodológicas que a fundamentam e estará capacitado para provocar o espírito investigativo de seus alunos numa iniciação à pesquisa na escola de nível básico. É pela avaliação da experiência vivida que se considera que estes são elementos imprescindíveis para o melhor desenvolvimento de projetos como o aqui analisado.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim Paulista de Geografia*, AGB/SP, n. 84, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: *Geografia: praticas pedagógicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Educação. *Reorientação Curricular. Ciências Humanas. Geografia –Ensino Fundamental e Médio*. Rio de Janeiro: SEE, 2006.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2007.

KAERCHER. Nestor André. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: *Geografia: práticas pedagógicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. *Boletim Paulista de Geografia*, AGB/SP, n. 84, 2006.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 3ª ed. Campinas, S.P: Papirus, 2000.

MOREIRA, Rui. *Pensar e Ser em Geografia*. SP: Contexto, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PUERTA, L. L.; NISHIDA, P. R. Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibersociedade”. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org.). *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia Física (?) Geografia Ambiental (?) ou Geografia e Ambiente (?). In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) *Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_. Pesquisa de campo em Geografia. In: CONGRESSO ESTADUAL DE GEOGRAFIA, 4., Belo Horizonte, 2002.

VENTURI, L. A. B. *O Papel da Técnica no Processo de Produção Científica*. Praticando Geografia - técnicas de campo e laboratório. 1ª ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2005. v. 1.